

# A EVOLUÇÃO

ORGÃO DO CENTRO SPIRITA RIO-GRANDENSE.

REDACTORES --- DIVERSOS

Se as palavras preparam o caminho, as obras o completam.

Propriedade de DOMINGOS TOSCANO BARBOSA

O mais bello de todos os templos é um coração puro.

## REDACÇÃO

REALMENTE, AMIGO SPIRITA!

(Vide Evolução n. 22!)

As Precas, que acabei de ouvir, confesso, acho-as bem arrançadas; e se me pudesse conformar com o que imaginas ou com aquilo, em que profundamente creês, não as acharia simplesmente boas, mas até — sublimes!

O que queres porém? O meu espirito repelle por tal forma semelhantes ideias, que te declaro, contive-me só ante a sinceridade da tua crença e a amizade, que nos liga!

Ainda mais, julgar-me-hia feliz, se as pusesse admitir, pois realmente nada conheço mais consolador, que a certeza, a crença mesmo, de que com a morte em certas condições vamos pular-nos e em circunstancias melhores, a parentes, amigos e affeições, que nos parecerem perdidos para sempre!

Sou da mesma opinião, se bem que como Catholico partilhe as mesmas ideias ou crenças, sem poder admittil-as todas; o que motiva em mim a duvida a respeito de muitas cousas, das quaes falla o nosso amigo, como quem tem plena certeza!

Pois eu, meus Senhores, declaro como Ectico, que até agora ponho o nenhuma importancia tinha ligado a semelhantes ideias ou crenças, porque entendia que tudo isso não passava, quando muito de mera Philosphia; uma vez porém, que pôde constituir uma religião, que sendo aceita com fé, isto é, perfeitamente comprehendida, projecta luz vixissima sobre factos até hoje incomprehensiviss, resultando uma completa transformação para o homem, que chega a ter certeza do que é, isto é, d'onde veio, o que faz e para onde vai; declaro-vos, repito, que vou procurar estudal-a com o cuidado e criterio, que deve merecer pelas beneficias consequencias, que d'ella podem resultar!

Bem, meus Amigos! Peço-vos então, me concedais mais alguns minutos de attenção! E para livrar-me da esborço intellectual, que me seria necessario, sem contudo chegar talvez a meio caminho, vou repetir-vos o que diz — o Géo e Inferno, segundo o Spiritismo, por Allan Kardec, a respeito do que chamamos — morte; e que o estudo assiduo e criterioso confirma mediante provas visíveis, palpaveis: —

A confiança na vida futura não exclue as apprehensões da morte, isto é, da passagem d'esta para outra vida. Muita gente não teme a morte pela morte mesma; o que teme é o momento da transição. Sofre-se ou não n'essa passagem? Eis o que os inquietal! Vale pois a pena pensar n'ella, tanto mais quando ninguém pôde d'ella extrinsecal! De uma viagem terrestre podemos esquivar-nos, mas, no caso de que se trata, rios e pobres têm de transpor o passo, e se elle é doloroso, nem a posição, nem a fortuna poderão adoezal-a a amargura.

As vés-se a calma de certos moribundos e as terriveis convulsões da agonia de outros, já se pôde julgar que as sensações são sempre as mesmas; mas quem

nos pôde ensinar sobre isto? Quem nos descreverá o phenomeno da separação da alma e do corpo? Quem nos dirá as impressões d'esse instante supremo? Sobre este ponto, a sciencia e a religião ficam mudas!!

E porque calam-se?! Porque falta a amblas o conhecimento das leis, que regem as relações do Espirito e da materia; uma para no humbral da vida espirital, a outra no da vida material. O Spiritismo é o laço de união entre as duas; só elle pôde dizer como se opera a transição, quer pelas noções mais positivas que dá a respeito da natureza da alma, quer pela narração d'aquelles que deixaram a vida. O conhecimento do laço fluido que une a alma e o corpo é a chave d'esse phenomeno, como de muitos outros.

A materia inerte é insensivel e este é um facto positivo; a alma só é que tem as sensações do prazer e da dor. Durante a vida, toda a desagregação da materia repercute-se na alma, que d'ella recebe uma impressão mais ou menos dolorosa. E a alma, que sofre e não o corpo; este não é mais que o instrumento da dor; a alma é o paciente. Depois da morte, estando separado da alma, o corpo pode ser impunemente mutilado, porque de nada se sente; estando d'ella isolada, a alma não recebe toque algum da desagregação do mesmo; ella tem suas sensações proprias, cuja fonte não está na materia tangivel.

O perispirito é o envoltorio fluido da alma, da qual não é separado nem antes, nem depois da morte, e com a qual elle, por assim dizer, constitue uma só entidade, porque não se pôde conceber um sem a outra. Durante a vida o fluido perispirital (o perispirito) penetra o corpo em todas as suas partes e serve de vehiculo para as sensações physicas da alma; é do mesmo modo, que a alma, por esse intermediario, actua sobre o corpo e dirige-lhe os movimentos.

A extinção da vida organica traz a separação da alma e do corpo pelo rompimento do laço fluido que os une; mas esta separação nunca é brusca; o fluido perispirital se desprende pouco a pouco de todos os orgaos, de sorte que a separação não é completa e absoluta senão quando não resta mais um só ponto de contacto, isto é, um só atomo do perispirito unido a uma molecula do corpo. A *separação dolorosa que a alma supporta n'esse momento está na razão da somma dos pontos de contacto que existem entre o corpo e o perispirito, e da maior ou menor difficuldade e lentidão que a separação apresenta.* Segundo as circunstancias, pois, a morte pôde ser mais ou menos penosa. São estas diferentes circunstancias, que vamos examinar: —

Estabelecamos primeiro, como principio, os quatro casos seguintes, que se pôde considerar como as situações extremas, entre as quaes ha uma multidão de mudanças: 1.º se, no momento da extinção da vida organica, o desprendimento do perispirito fôrse completamente operado, a alma nada sentirá; 2.º se n'esse momento a cohesão dos dons elementaes está em toda a sua força, produz-se uma especie de despedramento, rasgamento, que reage dolorosamente sobre a alma; 3.º se a cohesão é fraca, a separação é facil e opera-se sem abalo; 4.º se depois da cessação completa da vida organica existem ainda muitos pontos de contacto entre o corpo e o perispirito, a alma poderá sentir-se dos effeitos da decomposição do corpo, até que o laço seja totalmente róto.

D'aqui resulta que o soffrimento, que acompanha a morte é subordinado á força de adherencia que une o corpo e o perispirito; que a rapidez do desprendi-

mento torna a passagem menos penosa; finalmente, se o desprendimento se opera sem difficuldade alguma, a alma não passa tambem por sensação alguma desagradavel.

Na transição da vida corporal para a vida espirital, produz-se ainda um outro phenomeno de uma importancia capital; é o da perturbação. Nesse momento a alma experimenta um entorpecimento que paralysa momentaneamente suas faculdades, e neutralisa, em parte ao menos, as sensações; ella é, por assim dizer, cataleptizada; de sorte que quasi nunca é testemunha consciente do ultimo suspiro. Dizemos — quasi nunca, porque um caso ha, em que ella pôde ter consciencia d'elle, como adiante veremos. A perturbação pôde, pois, ser considerada como o estado normal no instante da morte; sua duração porém é indeterminada; varia entre algumas horas e alguns annos. A medida que a perturbação se dissipa, a alma acha-se na situação de um homem que sabe de um profundo sono; as ideas são confusas, vagas e incertas; vê-se como através de um nevoeiro; pouco a pouco a vista se aclara, a memoria volta e ella se reconhece. Mas esse despertar é bem differente, conforme os individuos; em uns é calmo e traz uma sensação deliciosa; em outros é cheio de terror e angustia, produzindo o effeito de um terrivel pesadelo.

O momento do ultimo suspiro não é, pois, o mais doloroso; porque as mais das vezes a alma não tem então a consciencia de si mesma; ella sofre pela desagregação da materia durante as convulsões da agonia; e depois, pelas angustias da perturbação. Apressamo-nos a dizer que este estado não é geral. A intensidade e duração do soffrimento estão, como dicemos, na razão da affinidade que existe entre o corpo e o perispirito; quanto maior é esta affinidade, tanto mais longos e penosos são os esforços do Espirito para se desprender de seus laços; porém pessoas ha, nas quaes a cohesão é tão fraca, que o desprendimento se opera por si mesmo e naturalmente. O Espirito separa-se do corpo como um fruto maduro se despega da sua haste (cabe da arvore); este é o caso das mortes calmas e das despertaras pacificas.

O estado moral da alma é a causa principal, que influe sobre a maior ou menor facilidade do desprendimento. A affinidade entre o corpo e o perispirito está na razão do apego do Espirito á materia; ella está no seu *gráo de machucado* para o homem, e suas preoccupações quasi todas se concentram sobre a vida e gozos materiaes; ella é quasi nullo para aquelle, cuja alma purificada se tem identificado com anticipação com a vida espirital. Visto que a lentidão e a difficuldade da separação estão na razão do grau de purificação ou de desmateriação da alma, depende de cada um de nós torval-a mais ou menos facil ou penosa, agradável ou dolorosa.

Isto posto, ao mesmo tempo, como theoria e como resultado de observação, resta-nos examinar a influencia do genero de morte sobre as sensações da alma no ultimo momento.

Na morte natural, isto é, aquella que resulta da extinção das forças vitaes pela idade ou pela molestia, o desprendimento se opera gradualmente; no homem e a alma é desmateriaçada e cujos passamentos se têm despegado da; cousas terrestres, o desprendimento é quasi completo antes da morte real; o corpo vive ainda a vida organica, e a alma já entrou na vida espirital e apenas está em relação com o corpo por um laço tão fraco, que com o ultimo batimento do coração, rompe-se sem difficuldade. Nesta situação, o Espirito pôde

já ter recuperado sua lucidez e ser testemunha consciente da extinção da vida do seu corpo; e acha-se feliz por vêr-se d'elle libertado; para esse Espirito a perturbação é quasi nullo; não passa d'um momento de sono pacifico, do qual sabe com uma impressão indizivel de felicidade e esperança.

No homem material e sensual, n'aquelle que tem vivido mais pelo corpo do que pelo Espirito, para quem a vida espirital é nada, nem mesmo uma realidade no seu pensamento, tudo tem contribuído para *apertar* os laços que o prendem á materia; nada durante a vida veio afrouxal-os. Nas aproximações da morte o desprendimento se opera tambem por gradações, mas com esforços continuos. As convulsões da agonia são o indicio da luta sustentada pelo Espirito, que ás vezes quer romper os laços que o retém e outras vezes se agarra ao corpo, do qual uma força irresistivel o arranca com violencia, separando parte por parte.

O Espirito se apega á vida corporal tanto mais, quanto menos vê além d'ella; sente que ella lhe escapa e quer retê-la; em vez de entrogar-se ao movimento que o arrasta, resiste com todas as suas forças; pode assim prolongar a luta durante alguns dias, semanas e até mezes inteiras. Sem duvida n'esse momento o Espirito não tem toda a sua lucidez; a perturbação começa logo tempo antes da morte, mas nem por isso elle soffre menos, e o vago em que se acha, a incerteza do que virá a ser d'ella, mais contribuem para as suas angustias. A morte dá-se, e ainda não está tudo acabado; a perturbação continua; elle sente que vive, mas não sabe se é vida material ou espirital; luta ainda, até que as ultimas ligações do perispirito se tenham rompido. A morte pôz termo á molestia efectiva, mas não suscitou-lhe as consequencias; enquanto existem pontos de contacto entre o corpo e o perispirito, o Espirito sente-se de suas impressões e soffre com isso.

Bem differente é a posição do Espirito desmateriaçado, mesmo nas mais cruéis molestias. Mu fracas os laços fluidicos, que o unem ao corpo, rompem-se sem abalo algum; além d'isso sua confiança no futuro, que elle já entrave pelo pensamento e algumas vezes mesmo em realidade, fal-o encantar a morte como um livramento ou soffura e seus males como uma provação, procedendo de tudo isso uma calma moral e uma resignação, que moderam o soffrimento. Depois da morte, sendo os laços no mesmo instante rótos, nenhuma reacção dolorosa se opera; ao despertar sente-se livre, desembaraçado, aliviado de um grande peso e muy alegre por não soffrer mais.

Na morte violenta as condições não são exactamente as mesmas. Nenhuma desagregação parcial tem commegado, não houve uma separação previa entre o corpo e o perispirito; a vida organica, em toda a sua força, é subitamente estacada, aniquilada; o desprendimento do perispirito só começa depois da morte, e n'este caso, como em outros, elle não pôde operar-se instantaneamente. O Espirito, apañado de improviso, fica como atordado, mas, sentindo que pensa, vê, etc., etc., crê-se ainda vivo (como d'antes), e esta illusão dura até que elle tenha comprehendido sua nova posição. Esse estado intermediario entre a vida corporal e a espirital é um dos mais interessantes para estudar-se, porque apresenta o singular espectaculo de um Espirito, que toma seu corpo fluido por seu corpo material, e que passa por todas as sensações da vida organica! Elle offerece uma variedade infinita de alternativas, segundo o caracter, os conhecimentos e o grau de adiantamento moral do Espirito. Esse estado é de

curta duração para aquelles cuja alma é purificada, porque n'elles havia um desprendimento anticipado, cujo termo a morte, mesmo a mais súbita, não faz mais que apressar; em outros elle pôde prolongar-se por annos inteiros. Este estado é mui frequente mesmo nos casos de morte ordinaria, e não tem, para alguns, nada de penoso, segundo as qualidades do Espírito; mas, para outros, é uma situação terrível. E no suicida, sobretudo, que esta situação é mais dolorosa. Preso o corpo ao perispirito por todas as suas fibras, todas as convulsões d'aquelle repercutem-se na alma, que por isso passa por atrozes sofrimentos.

O estado do Espírito no momento da morte pôde-se resumir assim:

O Espírito soffre tanto mais, quanto mais leito é o desprendimento do perispirito; a promptidão do desprendimento está na razão do grão de adiantamento moral do Espírito; para o Espírito desmaterializado, cuja consciência é pura, a morte é um sonho de alguns instantes, isento de sofrimento, e cujo despertar é cheio de suavidade.

Para trabalhar na sua purificação, reprimir suas más tendências, vencer suas más paixões, e *prestar-se ás exortações d'isso no futuro*; para identificarse com a vida futura, dirigir á ella suas aspirações e preferir a vida terrestre, é preciso não somente estar nella, mas comprehendê-la; é preciso considerá-la de maneira que satisfaca a razão, em completo accordo com a lógica e o bom juizo que se faz da Grandeza, Bondade e Justiça de Deus. De todas as doutrinas philosophicas o Spiritismo é a que exerce, neste ponto de vista, a mais poderosa influencia pela fé inabalável que dá.

O verdadeiro Spirita não se limita a crêr; *ele crê porque comprehende*, que a vida futura é uma realidade que se desenrola incessantemente a seus olhos; elle vê e toca-a, por assim dizer, á todos os instantes; a divida não pôde entrar em sua alma, porque quebra-se, de encontro ao mais invencível dos abraços — a Fé inabalável. A vida corporea — tão limitada somente para elle diante da espiritual, que é a verdadeira; dahi lhe vem o pouco caso que faz dos incidentes da sua jornada, e sua resignação nas vicissitudes, cuja causa o utilidade comprehendendo. Sua alma eleva-se pelas relações directas que entrem com o mundo invisível; os lucos fluidicos que o prendem á materia, enfraquecem-se, e assim opera-se um primeiro desprendimento parcial que facilita a passagem d'esta para a outra vida. A perturbação insuperável da transição é de curta duração, porque, logo que é transportado o passo, elle se reconhece; nada lhe é estranho; comprehende sua situação.

O Spiritismo não é seguramente indispensavel para esse resultado; tambem não tem a pretensão de ser só elle que assegura a salvação da alma, mas facilita-a pelos conhecimentos que fornece, pelas sentenças que inspira e disposições em que colloca o Espírito, a quem elle faz comprehender a necessidade de melhorarse. Elle dá além d'isso, a cada um, os meios de facilitar o desprendimento dos outros Espíritos no momento em que deixam seu envoltório terrestre, e de abreviar a duração da perturbação pela supplica e evocação. Pela supplica sincera, que é uma magnetisação espirital, provocase um desagregação mais prompta do fluido perispirital; por uma evocação dirigida com sabedoria e prudencia, e por palavras de benevolencia e animação, tirase o Espírito do entorpecimento em que se acha e ajudasse-o a reconhecer-se mais cedo; se elle é soffredor, se o induz ao arrependimento, que é só o que pôde abreviar os sofrimentos.

Que pezar, meus Srs., por não poder assimilar tudo quanto ouvi pronunciado com uma naturalidade, que mais parece ingenuidade, do nosso amigo, que falla á tal respeito, como se tudo tivesse visto, tocado &c.!!

Empregas muito bem, amigo Possivista, as palavras — isto, tocado; porque se não vê, não toca tudo isso, quem não quer, levado pela vaidade ou pelo orgulho ou por systema; pois ha pes-

soas, que ainda mesmo vendo, nada vêem ou porque não querem ou porque entendem erroneamente, que devem continuar iludidos, por assim mais lhes convir.

Mas, o tempo tudo mostra, melhor ainda, cada coisa á seu tempo.

E com esta, permitto-nos a retirada, prometiendo, voltarmos amanha!

C. S.

(Continúa)

**A Cruz, Judas, Cyrineu, a Virgem!**

Porém, ao lado opposto do Pretorio. No baixo alpendre de uma casa escura, Lavra trigoeiro e feio Israelita Um pesado madeiro. Nos degrãos De antiga e larga oesada, enegrecida Pelas chufas do inverno, se dobravam Dnas formosas, pallidas creanças.

— Basta de trabalhar! diz a mais moça. — Ven descecar, meu pai! — E, cedo ainda, Responde o carpinteiro, agora mesmo Devo entregar aos aneiros do povo Esta pesada cruz, e elles não falam!

— Pois isto é uma cruz? Pergunta a mole A mãe cresida das gúntis meninas; Que vão fazer da cruz! — Não sabes, luteia? Xaruma a larvo luteica com d'isso ris!

Na cruz pregam-se os máos, os criminosos, Os que afrontam a lei. Assim fallando, Limpia tranquillo e pó do horrendo lenho, Já bem seguro e frio. — Oh! Deus Eterno! Exclama a pobre filha, e porventura Vai algum padecer? — Pois não conheço O Mestre Nazareno? — O Christo? O Christo? Gritam os lindos anjos do operario.

E Jesus, repellido pelos homens, Teve as sagradas lagrimas da infancia, A oblação innocencia. — Bom me lenho, Diz a primeira irmã, sobre a montanha, Onde ao sol posto descaçava sempre, Um dia me pousou sobre os peolhos, Deu-me um beijo no rosto. Nesse dia Elle fallou ao povo, me apontando: — Deixa vir, deixa vir as creancinhas!

E vai morrer o Christo? Então da perto Um confuso rumor, tropel confuso, Passos precipitados, altos gritos, Ameaças cruéis, feias injurias, Se fizeram ouvir ao mesmo tempo; Depois, em uma voz ligou-se tudo: — A cruz? A cruz? A multidão bradava.

— Prompta está, respondem o carpinteiro, O Salvador chegava acompanhado Da populaca mirre. — Grao Presbita, Bello Rei dos Judeus, prelado Mestre, Buda o chefe cruel dos quadrilheiros, Oten sceptro ali está, sómos teu servos, Torna aos hombros a cruz e nos dirige!

— Ao Calvario! Ao Calvario! Rugo o povo. Então, a turba miçra e deparada, Voltando rívesas nas espaldas sacras O madeiro fatá. O grande martyr Sentia a luz fagge-lhe, e um suor feio Correr da fronte livida e sangrenta, Vacillou um instante: assim nos eramos Robra-se e geme o dilicado arbusto.

Quando da arvore antiga um velho galho Verga e lhe oprime os ramos florescentes; Assim nas solidões se inclina o cerro, Quando de fundá gruta a pedra solta Rola, e o dorso lhe curva macerado.

— Ao Calvario! vozão a rufe plebe; — Ao Calvario! repete a infame guarda; E o caminho seguiram do Calvario. Quando, porém, molesto e vagaroso Deixava Christo as portas da cidade, Judas entrava no Pretorio. — Padres!

Anעים, sacerdotes, que votastes Minha alma ao fogo eterno da Gehemal! Pequei, vendendo o sangue do innocente, Dice, elevando a voz aspera e ruga, Eis aqui o dinheiro da perdida, O preço da traicão; — queimam-me os dedos Estas fatias moedas! — (Chegas tarde, Respondem-lhe os sevos carneiros, Bem devias saber o que fizeste!

Judas não replicou, sobre os baldríthos As moedas lancou, que retinido Aos pés calcavam dos perversos padres, Porco tempo depois, no monte, ao longe, Dos grossos galhos de isolado roble, Pendeu o corpo do judeu maldito.

Horrendo o rosto, esbugalhados olhos, Sabida a lingua remorhida e negra De pavorosa loezal! Fero nefasto! Eypação do crime — Reparação do mal ao desespero!

Que era o peso do mundo, tarlo e lento Trilhava a longa estrada do Calvario. As lagrimas corriam copiosas Pelas faces dos pobres, tantas vozes Lhes íbala Christo alliviado as magoas, E saciado a fome! Tantas horas De fundas afflicções, de dores cruas. Como o genio da paz e da esperanca, Elle havia levado a luz e a calma, O jubilo e o socego a seus lugarios!

Como os amava o Mestre! As creancinhas Gritavam, soluçando, dos alpendres Das casas do caminho. — Oh! Santo amigo! Que sangue é este que te molha o rosto? Onde essa gente barbara te arrasta? Descalças as multões, desgrenhadas, O seo descoberto, os olhos rubros Do contanto carpir, atordoyam Os ares do gemidos, Compassivo Aquella, a enjos peitos infernados Ninguém se almeçou! N'esse momento, Jesus atravessava um passo estreito, Perlo de fundo algar; parou sem forças, Deu um grilo de dor, tentou suste-se; Porém calim exultando; agulm espulho Um dos pés doloridos lacrava.

— Levanta-te! bradon soez verdadeiro, E, brandindo uma vara que trazia, Ríjamente o feriu. O Santo Mestre Tres vezes se moveu no estreito espaço, E tres vezes celeden á dor pungente Valiou ao duro chão, tremulo e frio! — Quem lhe quer dar a mão? Perganta o chefe De guarda deslumana, o fado é grande, O Calvario está longe! Atianton-se Da multidão silente um homem forte, De espaldas largas, vigoroso collo, E insuadas feições; era seu nome Simão, o Cyrineu; estado e sério Ergueu o Christo pelos fracos braços, Boz-lhe a cruz sobre os hombros contudidos, E ajudou-o a subir a petra secca, Então dos verdes campos do Occidente, Por extensa vereda tortuosa, Chegavam dons humildes camaleiros; Viava na frente um camponez robusto De franco e nobre aspecto; e não distante, Porcos passos atraz, mulher singela, Esbelta, porém triste e descorada Como sanduba e pallida primeira, Que piza afflicta as regiões do exilio! Perto da negra estrada do Calvario Pararam suspirando. — Estava aseripto! Nesse tempo outra vez cahira o Martyr Debaixo do madeiro, e o feio guarda Dizia-lhe cruentos improperios.

A formosa mulher ergueu os olhos, Fitou o Salvador, e um grilo agudo, Simistrou como o grilo da demencia, Escapou de seus labios contrahidos. — Meu Filho! Os duros corações tírimos Se abalavam dos impiós carneiros! Jesus se levantou, Seu bello rosto Sublime se fizera no martyrio!

Pela primeira vez a Virgem Sancta Viu cruzarem-se os fogos do Infinito, Os supremos clarões da Eternidade Nas pupillas do Justo preleito! Os pobres, consternados, exclamaram: — Esmagai-nos, montanhas escarpadas! Outeiros pedregosos, escondi-nos! Quando succede assim ao lento verde, Que destino terá o lenho secco?!

FAGUNDES VARELLA

**ESPERA!**

Quem ha no mundo que afflicções não passe, que dores não supporte? Mais ou menos d'angustias cabe a todos, a todos cabe a morte.

A vida é um fio negro d'amarguras e de longo soffrer, semelha a noite; mas fagueiros sonhos pôde de noite haver.

Porque então maldiremos este mundo e a vida que vivemos, se nos tornarmos do Senhor mais dignos, quanto mais dor soffremos?

Quantos cabellos temos, Elle o sabe; Elle pôde cõntar as folhas que ha no bosque, os grãos d'areia, que sustentam o mar.

Como pois não será elle omniscio

no dia da afflicção? Como não ha de computar as dores do nosso coração?

Como ha de ver-nos sem piedade, o rosto coberto d'amargura; Elle, Senhor e Pai, conforto e guia da humana creatura?

Se o vento sopra, se se move a terra, se irroso o mar fluctua; se o sol rutila, se as estrellas brilham, se gyra a brancaluta:

Deus o quiz, Deus que mede a intensidade da dor e da alegria; que cada sér comporta a n'um momento d'arroubo ou d'agonia!

Embora pois a nossa vida corra alhoiva da ventura, alem da terra ha ceos, e Deus protege a toda creatura!

Viajor perdido na floresta á noite, assim vaga na vida; mas sinto a voz que me dirige os passos e a luz que me convicia!

G. Dias

**PRECE PELOS SUICIDAS**

Nos sabemos, oh! meu Deus, a sorte reservada aquelles, que violam vossas leis, abreviando seus dias voluntariamente, mas tambem sabemos, que vossa Misericordia é infinita; dignai deramala sobre as almas dos nossos infelizes irmãos, que não tiveram forças para supportar as provações da vida; especialmente, Senhor, sobre as almas d'aquelles, cujos nomes se acham no nosso MEMORANDUM. Possam nossas orações e vossa commiseracao alogar o amargor dos soffrimentos que elles supportam, por não terem tido a coragem de esperar o fim de suas provações!

Bons Espíritos, cuja missão é de assistir os infelizes, tornai-os sob vossa protecção; inspira-lhes o pezar de suas faltas; e que vossa assistencia lhes de forças para supportar com mais resignação as novas proações que tiverem de passar para reparal-as! Desvendiam d'elles os máos feval-os ao mal e prolongar seus soffrimentos, fazeulhos perder o fructo de suas futuras proações!

Vós, cuja desgraça faz o objecto de nossas Preces, possa nossa commiseracao mitigar o amargor e fazer nascer em vós a esperanca de um futuro melhor! Esse futuro está entre vossas mãos; confiai-vos na Bondade de Deus, cujo seo está sempre aberto a todos os arrependidos e só está fechado aos corações endurecidos!

Assim seja!

**Prece pelos mortos, ainda perturbados**

Senhor Todo Poderoso, que vossa Misericordia se estenda sobre todos os nossos irmãos que acham de deixar a terra! Que vossa Luz brilhe a seus olhos! Tirai-os das trevas; abri seus olhos e seus ouvidos! Que vossos Bons Espíritos se approxime d'elles e lhes façam ouvir palavras de paz e esperanca!

Senhor, por mais indignos que sejam, ouzamos implorar vossa misericordiosa indulgencia em favor de nossos irmãos, que acham de ser chamados do exilio; fazei que sua volta seja a do fillo prodigo! Esquecei, oh! meu Deus! as faltas que possam ter commettido, pela lembrança do bem que poderiam ter feito! Vossa Justiça é invariavel, nós o sabemos, mas vosso Amor é immenso; nós vos supplicamos apasguar vossa Justiça n'esse fonte de Bondade que emana de vós.

Que a Luz se faça para vós, imunções, que arabis de deixar a terra! Que os Bons Espíritos do Senhor, se

aproximem de vós, vos rodeiem e vos ajudem a succedir as cadeias terrestres! Compreendei e vede a grandeza de nosso Mestre: submettei-vos sem queixar-vos á sua justiça para que nunca desesperéis de sua Misericórdia! Irmãos! Que um sério exame sobre o vosso passado vos abra as portas do futuro, fazendo-vos comprehender as faltas que deixasteis atrás, e o trabalho que vos resta ainda á fazer para reparal-as! Que Deus vos perdoe e que seus Bons Espíritos vos sustentem e vos animem! Vossos irmãos da terra orarão por vós e vós podeis orar por elles!

Assim seja!

## André Salgado

Como prova de que o Spiritismo nada influencia para o terrível desastro, transcrevemos a carta que o indito escreveu á seu irmão o Coronel do Exército—Luiz Alves Leite de Oliveira Salgado, na vespera de precipitar-se no mais horroroso abysmo, trocando um dissabor de momentos por um martyrio de seculos.

Eis a carta:

« Presadissimo irmão e meu grande amigo. — Resolvi por termo a minha desgraçada existencia.

Não enxergues, presadissimo irmão e leal amigo, n'este meu acto, um procedimento de fraqueza ou loucura, não; tenho n'este momento supremo, em que me acho batendo ás portas da eternidade, a precisa coragem para enfrentar a morte, não me intimidam as tempestades da vida; sinto o espirito plenamente tranqullo; conservo a imaginação perfeitamente lucida, calma e serena; medito com segurança no acto extremo que vou commetter, e só vejo na resolução que tomei o cumprimento de um dever..... e o meio mais expedito de chegar ao ponto terminal da peregrinação do homem, n'este mundo torpe e miseravel, o qual vou agora deixar, horrorizado de sua fereza.....

Vejo-me fogado, presadissimo irmão e meu grande e leal amigo, a abandonar as minhas muito amadas e virtuosissimas filhas, e o meu amantissimo e adorador filhinho Beijo.....

Elle, presadissimo irmão e meu grande e leal amigo, que é uma criança verdadeiramente adoravel, que em tua tenra idade já mostra a inteireza do caracter, a firmeza das convicções e a pureza e transparencia d'alma; elle, o meu leal e fiel amiguinho, o meu bom e constante companheirinho, que, sempre, á altas horas da noite, no mesmo leito, confundo sem cessar as suas com as minhas lagrimas, procurando dar-me consolações impossiveis!

Em teu testamento que deixo, nomeio-te tutor do meu amantissimo filhinho; peço-te, portanto, que como ultimo e assignatado servico feito a mim, a este teu irmão e leal amigo, que sempre te quiz muito e que ainda te quer, até morrendo, que accites a tutoria e o levas para tua companhia; não o deixes, presadissimo irmão e meu grande e leal amigo, aqui, soffrendo as aguras d'este mundo que agora desentrou-se-me diante dos olhos como um oceano de lentas agonias, onde se vive completamente illudido.....

Dessejava tambem deixar-te como meu testamenteiro; porém, considerando que o testamenteiro tem immediatamente de assumir o cargo, e tu estás longe, nomeio meu testamenteiro o meu compadre Cândido Xavier.

Feitas as partilhas, o amado Beijo, ficará com bens sufficientes, ejas ten-

das serão bastantes para poder na capital do Estado ou na Federal, estudar e seguir uma carreira scientifica.

Peço-te encarecidamente, e á estimada mana Luciana, que o lerem para sua companhia; ensinem-lhe o caminho da honra, do dever e da verdade; e o tratem como pais extremos, carinhosos, porque em recompensa, presadissimos irmãos, si me for dado, lá na eternidade, penetrar em regiões onde possa implorar favores para esta pobre humanidade, eu pedirei para ti, presadissimo irmão, e para a estimada, boa e virtuosissima mana Luciana, todas as venturas e felicidades possiveis.

O meu amantissimo filhinho fica com bens e rendas que pôde ser sustentado perfeitamente bem; vem, portanto, presadissimo irmão e meu grande e leal amigo, busca-o para tua companhia, e se quizeres fazer aqui procurador para receber os rendimentos dos bens, que lhe conferem, deixa os amigos Saudim, Cambolim, Abel, Campello ou Francisco Pinto Azambuja Filho, amigos de toda a probidade, que se desempenharão perfeitamente bem.

Ao nosso amigo Abel diriji cartas, encarregando-o do meu enterro.

Vou, presadissimo irmão e grande e leal amigo, para o desconhecido com o espirito tranqullo, porque, em face de Deus, e na paz d'alma, consultando minha consciencia, vejo que, conscienciosamente, nunca fiz mal a ninguém.

É necessario atravessar a região da luz e da verdade, descendo ao tumulo... O que é a morte? Simplemente o despreendimento do vinculo entre o passado e o futuro; profundo engama entre o que fomos e o que seremos.

Porque então temel-a quando a vida nos é pesada.....

Dizem os philosophos que o suicida escandalisa a sociedade com o acto que pratica!

Eu penso que não; si não moralisa tambem não escandalisa, e nem offende a ninguém; si é um mal o que pratica, o mal é só para si.

Mas como cada um tem o direito de pensar diversamente, aquellos que pensam com os philosophos, que me perdoem, vendo commigo n'este acto, o cumprimento de um dever e a synthese final dos factos humanos!

Não deixes, presadissimo irmão e meu grande e leal amigo, com a boa e virtuosissima mana Luciana, de prestar tua acção ás minhas muito amadas e virtuosissimas filhas!

Moura e ama sempre a minha memoria, presadissimo irmão, grande e leal amigo; lembra-te que vivi 32 annos de constante e agro trabalho; que elevete-me na sociedade, fiz um nome para deixal-o aos meus virtuosos e queridos filhos; honrei sempre, com o meu procedimento os meus queridos e sagrados dos nossos virtuosos pais, para no final de tudo.....

Adens, queridissimo irmão, grande e leal amigo, defende sempre a minha memoria, faz justiça aos meus sentimentos prubidosos de homem de bem e a minha conduta civil e aceita com a virtuosissima mana Luciana, o ultimo abraço de despedida e affectuosa amizade do infeliz irmão e amigo do coração, até a morte!

A. SALGADO.

Seu um caracter sobre é o homem em tudo — pobre.

A' um nobre coração, despreso, horror inspira—a negra ingratitude, a haixeza e a mentira.

S. SMILES.

A mentira é um furto em palavras, o furto é uma má accção; o mentiroso é pois um — ladrão.

Seu um caracter sobre é o homem em tudo — pobre.

A' um nobre coração, despreso, horror inspira—a negra ingratitude, a haixeza e a mentira.

S. SMILES.

A mentira é um furto em palavras, o furto é uma má accção; o mentiroso é pois um — ladrão.

Seu um caracter sobre é o homem em tudo — pobre.

A' um nobre coração, despreso, horror inspira—a negra ingratitude, a haixeza e a mentira.

S. SMILES.

A mentira é um furto em palavras, o furto é uma má accção; o mentiroso é pois um — ladrão.

## O SUICIDIO?

É a maior desgraça, a maior desdita, a mais horrivel decepção, porque pôde passar o homem.

O suicida julga fugir do mal, entregando-se entretanto á outro mil'vezas mais terrivel e mais longo!

Foge dos soffrimentos intermitentes de um dia — a vida corporal, para precipitar-se em horrosos e continuos soffrimentos durante seculos — a vida espirital!

Julgam nos, que suicidando-se vão descansar; porque além da morte nada mais existe na sua opinião!!

Entretanto, que horrivel decepção os espera; quando, desprendidos dos laços da materia, reconhecerem, que a morte não existe; é apenas uma transformação — a passagem da vida corporal para a vida espirital, a verdadeira vida!!

Que decepção, quando retirado o véo material, que envolvia seus olhos, reconhecerem, que trocaram um dissabor de momentos por um martyrio de seculos!!

Julgam outros, que suicidando-se vão retirar-se aos que lhes foram caros sobre a terra e os precederam na morte!!

Que decepção, que horror, quando reconhecerem, que seguiram rumo opposto, buscando ao Sul o que só podiam encontrar ao Norte!!

Os seus parentes e amigos os verão, é verdade, mas sem serem vistos e com que magoa, com que dor ao verem tambem o pavroso abysmo, em que esses infelizes pela deserenga, no auge do desespero, se precipitaram, separando-se por seculos e seculos o sem que lhes possam valer; pois tudo tem pelo menos de recommear!!

Para confirmar tudo isso ha provas taes, que se podem dizer — visiveis, palpaveis; não as tem, quem não quer!

O suicida, finalmente, é qual sentenciado, que evadisse da prisão, antes de empirida a porta; com a differença porém que na terra o preso que fuge, pôde muitas vezes nunca mais ser apprehendido, ao passo que o suicida não tem onde occultar-se; pois Deus está em toda a parte e com Elle os innumerados ministros, executores e instrumentos da sua Omnipotencia, Omnisciencia e Justiça sem igual.

C. S.

Seu um caracter sobre é o homem em tudo — pobre.

A' um nobre coração, despreso, horror inspira—a negra ingratitude, a haixeza e a mentira.

S. SMILES.

A mentira é um furto em palavras, o furto é uma má accção; o mentiroso é pois um — ladrão.

Seu um caracter sobre é o homem em tudo — pobre.

A' um nobre coração, despreso, horror inspira—a negra ingratitude, a haixeza e a mentira.

S. SMILES.

A mentira é um furto em palavras, o furto é uma má accção; o mentiroso é pois um — ladrão.

Seu um caracter sobre é o homem em tudo — pobre.

A' um nobre coração, despreso, horror inspira—a negra ingratitude, a haixeza e a mentira.

S. SMILES.

A mentira é um furto em palavras, o furto é uma má accção; o mentiroso é pois um — ladrão.

Seu um caracter sobre é o homem em tudo — pobre.

A' um nobre coração, despreso, horror inspira—a negra ingratitude, a haixeza e a mentira.

S. SMILES.

A mentira é um furto em palavras, o furto é uma má accção; o mentiroso é pois um — ladrão.

Seu um caracter sobre é o homem em tudo — pobre.

A' um nobre coração, despreso, horror inspira—a negra ingratitude, a haixeza e a mentira.

S. SMILES.

A mentira é um furto em palavras, o furto é uma má accção; o mentiroso é pois um — ladrão.

## AOS ASYLADOS

Quando Jesus dice — Bem-aventurados os afflictos, o homem dos Céos lhes pertence, não se dêem aos que soffrem no geral; porque n'este mundo soffrerá, quer sobre o throno, quer sobre o catre; mas, aos que soffrem com resignação os Designios do Omnipotente, sem cuja permissão nada succede n'este mundo; pois tudo é por Elle determinado e se para o nosso bem, embora muitas vezes pareça prejudicial a-nos. Não esqueçais pois, meus irmãos, que as similhações, porque passardes com resignação, vos serão contadas por titulos de merito perante Aquelle e Gaico, que tudo pôde!

Bem-aventurados os que tem occasião de provar a sua fe, firmeza, perseverança e submissão á Vontade de Deus; porque terão ao compulso as alegrias, que lhes faltam sobre a terra!

Quanto mais humilhados e resignados fôdes n'este Mundo, tanto mais felizes sereis no outro.

E aquellos, que vos humilhaem, que vos aviltam, que vos maltratam, humilheis, que espulham com a vossa desgraça?!

Contad-os! — Contad-os! — Contad-os!

Perdoai-lhes, Pai, elles não sabem o que fazem!

C. S.

(DO EVANGELIO)

Quem dá ao necessitado, de Deus receberá centuplicado.

Sêde liberal com os pobres e Deus será prodigo convosco!

MATEUS.

Lançai a estroala e collereis a Prece! Castro Alves Quem dá ao pobre, empresta a Deus.

V. HUGO

Missão do homem intelligente sobre a terra

Não sejas alheio do que sabeis, porque isso saber tem raias bem limitadas no mundo que habitais!

Alinda mesmo que fosseis uma das simmifidades intelligentes d'esse gubão, não torreis direito a tirar d'isso vaidade. Se bens em seus designios, permitia-vos nascer em um meio em que podesteis desenvolver a vossa intelligencia, foi para que a utilisasseis em benefício de todos; e para que a massa de que vos separa, não podesse desenvolver as intelligencias retardadas e contrariadas á Deus.

A natureza do instrumento, não indica o uso que d'elle se deve fazer? — A pó, que o jardineiro põe nas mãos do trabalhador, não indica que elle leve a cavar? E que diriais vós, se esse trabalhador, em vez de trabalhar, levantasse a pó para dar em seu mestre? Diríeis que isso seria horrivel, e que elle deveria ser expulso. Pois bem! O mesmo na accção com aquelle que se serve de sua intelligencia para destruir a idéa de Deus e da Providencia entre seus irmãos? Não levanta contra seu mestre a pó, que foi dada para resolver a terra? — Pelo contrario; não deveria ser expulso do jardim? — Elle o será, não o duvideis, e arrestará existencia; miseravel e cheio de humilhações, até que se curve perante Aquelle a quem tudo deve.

A intelligencia é rica de meritos, para o futuro; mas, com a commissão de fazer della um bem humano. Se todos os humanos que são dotados de intelligencia, se servissem della segundo as vistas de Deus, a missão dos Espíritos seria facil para fazer adiantar a humanidade; infelizmente a utilizam como um instrumento de arguição e perdica para elles proprios! — O homem a busca de sua intelligencia, com de todas as demais facultades, e entretanto não lhe faltam exemplos para o advenir, que uma mão poderosa pôde tirar-lhe o que lhe deu!

(EVANGELIO, pg. 133)

Seu um caracter sobre é o homem em tudo — pobre.

A' um nobre coração, despreso, horror inspira—a negra ingratitude, a haixeza e a mentira.

S. SMILES.

A mentira é um furto em palavras, o furto é uma má accção; o mentiroso é pois um — ladrão.

Seu um caracter sobre é o homem em tudo — pobre.

A' um nobre coração, despreso, horror inspira—a negra ingratitude, a haixeza e a mentira.

S. SMILES.

A mentira é um furto em palavras, o furto é uma má accção; o mentiroso é pois um — ladrão.

Seu um caracter sobre é o homem em tudo — pobre.

A' um nobre coração, despreso, horror inspira—a negra ingratitude, a haixeza e a mentira.

S. SMILES.

A mentira é um furto em palavras, o furto é uma má accção; o mentiroso é pois um — ladrão.

Seu um caracter sobre é o homem em tudo — pobre.

A' um nobre coração, despreso, horror inspira—a negra ingratitude, a haixeza e a mentira.

S. SMILES.

A mentira é um furto em palavras, o furto é uma má accção; o mentiroso é pois um — ladrão.

C. S.

# CATECHISMO ESPIRITA

(Conclusão)

## CAPITULO XVIII

### A FÉ, A ESPERANÇA E A CARIDADE

1.º O que é a fé?  
 — A confiança illimitada e inabalavel que devemos ter na Bondade e Justiça do Creador, sempre disposto a estender-nos a mão, quando nos esforcamos por evitar o mal e praticar o bem; é a boia de salvação lançada aos naufragos do encapelado oceano da vida; a pedra angular da igreja de Christo, do templo augusto que a humanidade um dia, reunida sob a bandeira de uma creença unica, ha de levantar ao Creador do universo.

2.º Qual a base sobre que deve descansar a fé?  
 — A razão, lume sagrado por Deus em nós depositado, para distinguirmos o bem do mal. Impór a fé contra os dictames da razão, não é mais que querer um impossivel, não é mais que arrastar o homem á rebelião ou á hypocrisia.

3.º O que é a esperança?  
 — A previsão da felicidade que nos aguarda, se cumprirmos os nossos deveres; e o pliarol que, no seio da noite tempestosa que nos envolve, nos indica, ao longe, o porto do salvamento; a voz de Deus que, em todos os transeos de nossa vida de dores e provações, nos vem animar para não esmorecermos no caminho.

4.º O que é a caridade?  
 — O amor sem limites, votado a todas as creaturas do Senhor: o amor pelo qual, esquecidos de seus interesses egoisticos, cada um procure o bem de todos, e todos o de cada um; é a alavanca solida, o meio poderoso e unico que ha de conduzir a humanidade, de progresso em progresso, até a perfeição.

5.º Qual d'essas tres virtudes é a maior?  
 — Ellas são iguaes e nonhuma pode existir sem as outras duas.  
 Sem a fé a luz da esperança extingue-se, sem a esperança a fé delinha e morre: são duas irmãs gêmeas, filhas da caridade e do amor.

Gêmeas filhas de Deus, solido arrimo dos que vivem nas dores d'este mundo, pliarol que da noite indica o cimo, a cujo pé se estorvo um mar profundo.

A Fé nos presta forças pro progresso, nos mostra o termo ancilado a—Esperança. Com a Caridade presos, nosso accesso será seguro á bemaventurança.

## CAPITULO XIX

### O SPIRITISMO

1.º O que é o spiritismo?  
 — A sciencia que estuda as relações do mundo visivel com o invisivel: que, nos pondo em communicação com as diversas categorias de habitantes do mundo espirital, nos fornece a occasião de fazermos ampla colheita de verdades, que nos são necessarias para conhecermos os destinos reaes da nossa humanidade e os da criação inteira.

2.º Que vantagens nos podem vir do estudo do spiritismo?

— Essa sciencia procura fundir em um só todo os estudos materiaes com a instrução scientifica e a instrução religiosa, condição essencial para a vida e a civilização da humanidade, nos tempos em que vivemos. O spiritismo nos faz melhor conhecer os laços que nos prendem a Deus, a Jesus, aos Espiritos puros, nossos protectores, aos espiritos em geral, incarnados ou desincarnados, e por elles os nossos deveres para com elles e para conosco mesmos. Afastando o véo da letra, elle nos mostra o verdadeiro sentido das palavras e actos de Jesus, enjas interpretações, segundo a letra, foram lugar a tantas controversias e disputas, nos tempos da minoridade e virilidade da

nossa humanidade; mas que hoje, quando esta attingiu á idade madura, a razão repella como contradictorias ás descobertas feitas nos campos da sciencia experimental e da philosophia. Descobrimo-nos os segredos do viver dos Espiritos na erraticidade, mostrandô-nos, de um modo que não pôde deixar duvida, a felicidade dos bons e os soffrimentos dos máos, elle moralisa a sociedade, e desperta no coração do homem a fé na justiça infinita, que preside a todos os actos da vida das humanidades.

3.º Será o spiritismo uma religião?  
 — Não; o spiritismo basea-se nos principios altamente philosophicos prologados pelo Christo. Não ligando importancia ás pompas do culto externo, e só crendo que é pelos nossos bons actos e pela intenção pura com que obramos, que devemos render homenagem ao Creador, elle não se apresenta em campo, lutando com as religiões diversas que ainda dividem a humanidade, mas procura reunir os homens todos em uma familia, ensinando-lhes que fora da Caridade não pôde haver salvação.

Aos seus discipulos disse o Mestre amigo: « Vos mandarei o Espírito do Verdade, que ha de tudo ensinar á humanidade, que ha de vir explicar o que vos digo. »

Os tempos são chegados, a hora sóa de se cumprir a santa prophécia. Vive, mortal, os cantos de alegria que a plangente estele a Deus entoa!

Despechem-se, as fôrças que te ligam ao capô das paixões; surge valente contra o vicio que tanto te deprime!

As vozes escutando que a instigam a humanidade esmagou essa serpente, velho symbolo do orgulho, o pai do crime!

EWERTON QUADROS

## UNA DESINCARNACIÓN

Lêmos no *PSYCHISMO* que se publica em Lisboa:

Da REVISTA SPIRITA de Paris que transcreve de LA SEME, damos alguns trechos de um artigo em que se trata da morte ou desincarnação, para empregar o termo spirita, e que será interessante para os nossos leitores que se preoccupam com esse transe da vida humana, o ultimo para os materialistas.

O tenente de marinha Cesar Podesti, bem conhecido de todos nós, desincarnou a 4 de Março de 1891, ás 11 horas da noite, em Napoles, na idade de quarenta e dous annos;

A 13, nove dias depois, manifestou-se por intermedio do medium escrevente, M. Frezza.

Perguntando-se ao espirito de Podesti, se elle tinha tentado communicar-se ao mesmo medium, na noite de 8 de Março, e se era a esta tentativa que se devia attribuir o não estar soffrido por Frezza, respondeu o seguinte:

— Perdoe-me, querido Frezza, devia ter reflectido que te podia fazer mal. Mas tinha uma tal pressa de me manifestar que, com o meu Espirito ainda ligado ao cadaver, voei para ti, deixando como uma cadeia tenaz, um rastro fluidico até aos restos inanimados do meu corpo. Oh! Se tu soubesses quanto é cruel para um pobre Espirito ainda mal desincarnado, sentir-se ligado a esse monte de podridão, que é o seu cadaver!.... Ver-lhe a decomposição rapida ou lenta, sentir-lhe a repugnante cheiro!..... É uma verdadeira expiação, uma verdadeira prova d'essa miseravel vida corporal á qual tanto quereim os materialistas.

— Podes fazer-nos a analyse da impressão experimentada pelo teu Espirito no momento da morte do seu corpo?

— É para explicar-te claramente essas impressões e não me acerditarias se te dissesse que já me não lembram. Pois bem: fica sabendo que no momento preciso da morte não se pôde formar idéa de coisa alguma,

Tinha perdido completamente os sentidos um quarto de hora talvez antes de expirar. Lembra-me somente que me sentia torturado por não sei que dor indizível—dor mais moral que physica. Percebia que a suffocação fazia progressos rapidos, que o coração mal batia: depois... um suor gelado, e desmaiei. Recordo-me contudo que peli um sinapismo. Compreendi que ia morrer, e teria desejo de morrer nos teus braços. Teria tido mais coragem: porque, é forçoso confessar, ainda que spirita convicto, tive medo da morte!

Depois d'isso nada mais vi do que se achava no quarto, não vi mais as pessoas que rodeavam o meu leito: desmaiei. A agonia que precedeu o meu passamento foi curta: um espasmo do coração acabou-me.

A morfina, oh! a morfina acabou-me!.... Timheis razão, meus bons amigos. E agora?... Agora tento ser responsável pelo meu suicidio. Pegam a Deus por mim!

— Podes descrever-nos as tuas impressões depois de tua morte?

— É estranha e cheia de susto a situação que segue a morte! Que direi? Vi-me duplo! Eramos dous Podesti: um estendido, como adormecido, sobre o leito; o outro livre, e que, como um leão ou exaltado vagueava pelo quarto; estava surpreso de não me confundir com o corpo que ali jazia sobre o leito, apezar de me achar ligado a elle por uma corrente muito densa de fluido, invisivel aos vossos olhos, mas visivel e quasi material para mim neste estado. Afastava-me, assustado e attonito, d'esse corpo sem movimento; e, nos meus esforços para me afastar d'elle, o cordão fluidico dilatava-se, dava-me campo para fugir e afastar-me do meu despojo mortal. Depois, passados instantes, o espesso fluido condensava-se ainda, contraia-se e obrigava-me a approximarme. Desesperado, chamava lleitor (o marinheiro de ordenação) e as outras pessoas da casa, pensando que correriam em meu auxilio e me livrariam d'esta odiosa prisão! Nenhuma resposta, ninguém me dava attenção. Depois vi.... Oh! minha tremo!.... Tremo só de o pensar! Vi levantar, vestir e dar uma melhor attitudé a esse corpo, esse corpo de quem eu era a individualidade: tinha d'isso a consciencia. Então chegou-me a colera: quiz lançar-me sobre esse cadaver que me roubava a mim mesmo, dilacerar esse laço olicoso que me conservava tão invencivelmente preso. Vãos esforços, transpuzi o espaço sem tocar em coisa alguma! Ah! Que desespero em experimentar n'esse momento!... Depois, ajudando-me com a vontade de Deus, pôz-me a pensar no passado, na minha curta doença; lembrei-me de ti, dos meus amigos, das nossas sessões spiritas, das manifestações de John. Lembrei-me dos livros lidos e fui assim levado a reflectir na identidade da minha situação com as que apresentavam as nossas sessões, e as minhas leituras spiritas.

— Estarei eu morto, perguntava a mim mesmo? No fim de alguns instantes, vi apparecem alguns Espiritos que me sorriam, me festejavam. Pelo rosto reconheci muitos parentes e amigos que tinha tido sobre a terra. Vi minha mãe, Tomasini, o bom Eduardo, e todos me deram a entender que já não fazia parte dos seres incarnados; disseram-me que havia alguns instantes que eu acabava de ser desincarnado pela morte e que me era indispensavel entrar no estado de perturbação para dar ao perispirito o tempo de se separar inteiramente do cadaver, a fim de tornar possível o meu renascimento no mundo dos Espiritos. Depois das exhortações d'esses bons Espiritos, meus amigos e parentes, perdi a consciencia e cahi n'uma perturbação completa da qual sahi ao cabo de quarenta e oito horas.

Estou fatigado e não posso esta noite dizer mais; mas quero... quero, como

expiação das minhas culpas, ser vosso cooperador na propazanda spirita.

Prestar-me-ei a todas as experiencias, quer intelligentes, quer physicas que quieraes tentar. Fazei d'isto sciencia a Palazzi, Cavalli e aos outros e continuei a estimar como até aqui o vosso  
 CEZAR PODESTI.

### Mediumidade inconsciente

O illustre chimico, Dr. José Ferreira França, refere o seguinte facto, que vem mais affirmar a communicação dos espiritos, e que revela o poder mediunimico que possui.

Ha já alguns annos, achava-se gravemente enfermo um tio do Dr. França, o ultimo dos filhos varões do inolvidavel cirurgião, Christovão José dos Santos, avô do mesmo Dr. França; e achava-se na Bahia um dos seus irmãos (d'este mesmo Dr.), em perfeito estado de saude.

Uma tarde, e sem motivo apreciavel, o Dr. José França sentiu uma tristeza mortal.

Entrou em seu quarto do dormir, e viu claramente o irmão, que estava na Bahia, em pé, na porta!

Attribuiu o facto a trabalho da imaginação, e n'isto estiveram de accordo os membros da familia, a quem o caso referiu.

A' hora de repousarem, o Dr. que já não pensava no que lhe acontecera, deitou-se e dormiu tranquillamente.

Alla noite, porém, acordou e viu, nos pés e á cabeceira de seu leito, o irmão que estava bom, e o tio que estava mal, ambos a riem-se para elle!

Ficou impressionado com aquella dupla visão, da qual uma parte já era repetição, e tomou nota da hora!

No outro dia, chegou á cidade a noticia de ter morrido a noite o tio, e pelo vapor do Norie a de ter morrido no mesmo dia, ao escurecer, o irmão ausente.

É conveniente declarar que o Dr. José Ferreira França nem o Spirita, nem se preoccupa, infelizmente, com semelhante doutrina.

S. S. é antes o que se chama um espirito forte, que não cre n'estas e n'outras vesanijs do cerebro humano.

### PRECE

Lança do céu ó Nazareno sancto  
 O teu olhar tão cheio de doçura!  
 Olha este valle de miséria e pranto  
 Onde o prazer soffoca a desventura!

Oh! Divino Jesus! Sob o teu manto  
 Quer encobrir-se a iniquidade impura!  
 Tu morreste por nós—mas entretanto  
 O reino do peccado inda perdura!

A creença, em holocausto á vil mentira,  
 O mundo vai risonho, desvariado,  
 Immolando sem dó em agra pyra!

E teu sancto martyrio inegalado,  
 Elle esquece, infeliz!, quando delira,  
 Ou julga—lenda falsa do passado!

Francisco Costa.

### EXPEDIENTE

#### OBRAS SPIRITAS

Pela distincta redacção da Revista Spirita LA IRRADIACION foi-nos enviado o 1.º volume da importa obra *DESTINOS DEL ESPIRITO*, contendo notavel communicação mediunimica obtida nos principios grupos da Hespanha e America.

A obra compoese-se de 3 volumes.

Pela mesma redacção foi-nos tambem remetido dous exemplares do *MANUAL DE ESPIRITISMO*, bellissimo trabalho devido a pena brilhante de nossa irmã D. Lucia Grange, redactora da Revista LA LUMIERE.

Pela prova de consideração a me dispensada pela illustre IRRADIACION apresentamos-lhe os nossos cordiaes agradecimentos.

Escriptorio da Evolução, rua PEDRO II n. 15